



Destaque Rural Nº 302

22 de Outubro de 2024

O PEQUENO PRODUTOR DO DELTA DO ZAMBEZE, MEIO SÉCULO DEPOIS!!

Nelson Capaina

«Quando fui nascido, ainda no tempo colonial, o meu pai era produtor de arroz e contava que o meu avô..., toda a família dele tinha sido de agricultores. Nessa época, havia tractor, o regadio funcionava e o arroz era transportado para Quelimane, por barco...hoje, tudo isso não existe»¹.

INTRODUÇÃO

Durante décadas a província da Zambézia foi, marcadamente, o primeiro contribuinte para a produção de arroz. Com efeito, já no período imediatamente antes da independência, a Zambézia possuía o maior número de pequenos produtores, cerca de 150.000². Na época, pouco mais de 300.000 pequenos produtores, com cerca de 45.000 hectares, produziam cerca de 40.000 toneladas; onde a Zambézia produzia cerca de 22.000 toneladas (53%) e o país era auto-suficiente neste cereal, com uma produtividade de 1,3 toneladas por hectare³.

Na década de 90, a produtividade na Zambézia aumentou de 1,2 ton/ha para 2 ton/ha, entre 1996/97 e 1999/2000⁴. Desde então a produtividade desta província estagnou, tendo sido estimado em cerca de 605 kg/ha⁵. É nesta província, juntamente com Sofala, onde se localiza a maior área de produção deste cereal, com 90% dos cerca de 900.000 hectares estimados com potencial a nível nacional para a produção de arroz⁶. O governo tem indicando que pretende elevar os rendimentos dos produtores em sequeiro de 1,2 para, pelo menos, 1,8 ton/ha, e de 2,8 para, pelo menos, 5,0 ton/ha em sistema de irrigação; visando, no geral, aumentar a produtividade e produção total de 371.176 tons para 980.592 tons em 2027⁷, e atingir, até 2035, uma produtividade média de 4 ton/ha⁸.

¹. Entrevista a um produtor, Chinde 23.04.2024.

². Simmons, R. (1978). Mozambique: an economic base study with emphasis on agriculture. North Carolina State University.

³. Simmons, R. (1978). *Op. cit.*

⁴. USA (2004). Mozambique. Diagnostic Trade Integration Study. Volume 3: Crop subsector analyses results of trade transport facilitation audit.

⁵. Cálculos feitos segundo dados do último Inquérito Agrícola Integrado (IAI).

⁶. Ministério da Agricultura (2013). Plano Nacional de Investimento do sector agrário (PNISA 2013-2017). Maputo, MINAG.

⁷. Ministério da Agricultura e Segurança Alimentar (2016). Programa Nacional para o Desenvolvimento do Arroz (PNDA-2016 -2027). Maputo, MASA.

⁸. Ministério de Economia e Finanças (2015). Estratégia Nacional de Desenvolvimento (2015-2035). Maputo.

Contudo, passado meio século (1974-2024), o país é auto-insuficiente na produção deste cereal. Dados indicam que entre o ano 2010 e 2021, a produção média anual por hectare foi de 0,8 toneladas⁹ Quais serão as causas? Será o aumento populacional?¹⁰ Houve redução de produtores? Os produtores deixaram de produzir mais?

Este texto pretende mostrar se foram criadas e/ou existem condições determinantes para o estabelecimento da produtividade e produção dos pequenos produtores¹¹ e, conseqüentemente, promover o seu bem-estar e do respectivo agregado familiar. Com base no estudo de campo realizado no delta do Zambeze, concretamente nos distritos de Chinde, Inhassunge, onde foram realizados 69 inquéritos, usando o critério de proporcionalidade em função do tamanho da população de cada distrito. Adicionalmente, efectuaram-se 22 entrevistas, das quais 6 colectivas aos pequenos e 16 individuais. O texto vai mostrar que há estagnação ou mesmo regressão em muitos factores que constituem a base inicial da produção do pequeno produtor. Para tal, conformam o texto quatro secções: perfil da amostra, produção agrícola, serviços de extensão agrária e as notas finais.

I. PERFIL DA AMOSTRA

Do total dos inquiridos, 60% são do sexo feminino. Todos os inquiridos são pequenos produtores e envolvidos no cultivo de arroz. Relativamente à principal finalidade desta actividade, a maioria (64%) dos inquiridos indicou a subsistência familiar, 34% indicaram a venda de excedentes e apenas 2% referiram produzir para o mercado. Com efeito a principal fonte de rendimento é o ganho-ganho (39%)¹², seguindo-se a venda da produção agrícola (32%), as remessas recebidas de familiares (16%) e os salários auferidos no trabalho por conta de outrem (16%), nomeadamente o Estado, ONG ou o sector privado.

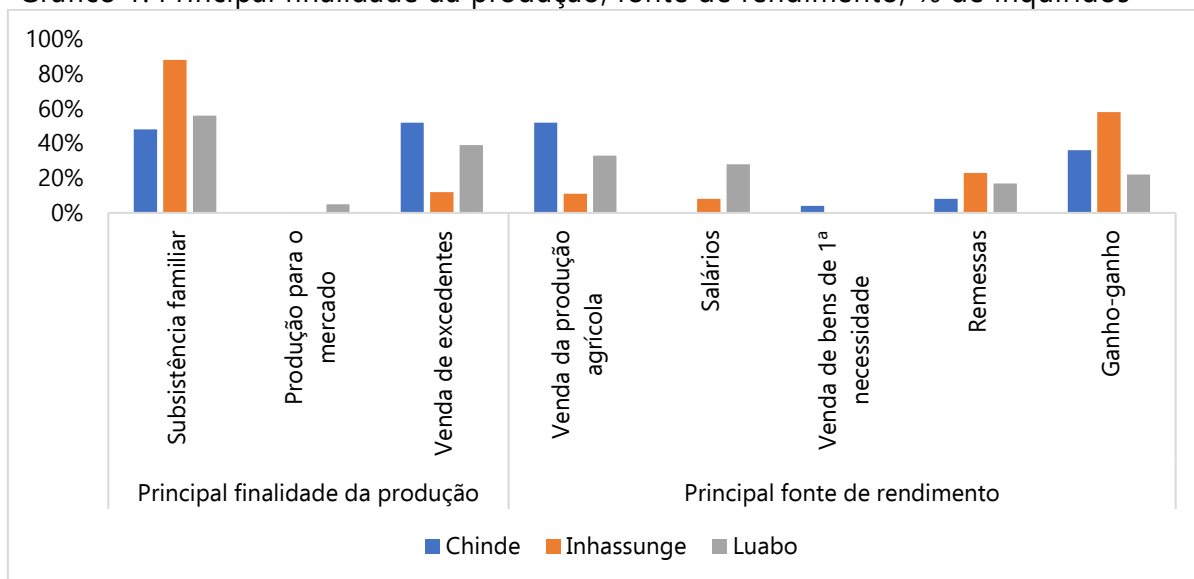
⁹. Cálculos baseados em dados retirados do Ministério de Economia e Finanças. Balanço do Plano Económico e Social. (vários anos).

¹⁰. Segundo o ministro da agricultura e desenvolvimento rural, uma das maiores pressões que o sector agrário em Moçambique enfrenta, tanto na segurança alimentar, quanto na produção, é o factor demográfico que vai determinar a eficiência e a eficiência da intervenção do Estado no sector. Em Jornal O País, 08.07.2024.

¹¹. Segundo Uaeine, estes são os produtores de pequenas explorações em que a área cultivada não irrigada não ultrapassa 10 hectares, e em sistema de irrigação tem o limite de 5 hectares, mas que são responsáveis pela produção de alimentos consumidos na família e o excedente é comercializado. Uaiene, R. (2015). "Caracterização do sector familiar em Moçambique". Em Mosca, J. (coord.). Sector familiar agrário e desenvolvimento em Moçambique. Maputo: Escolar editora, pp. 23-49.

¹². *Ganho-ganho* é o trabalho sazonal que pode ser realizado em umas horas ou dias, mediante pagamento em dinheiro ou espécie.

Gráfico 1. Principal finalidade da produção, fonte de rendimento, % de inquiridos

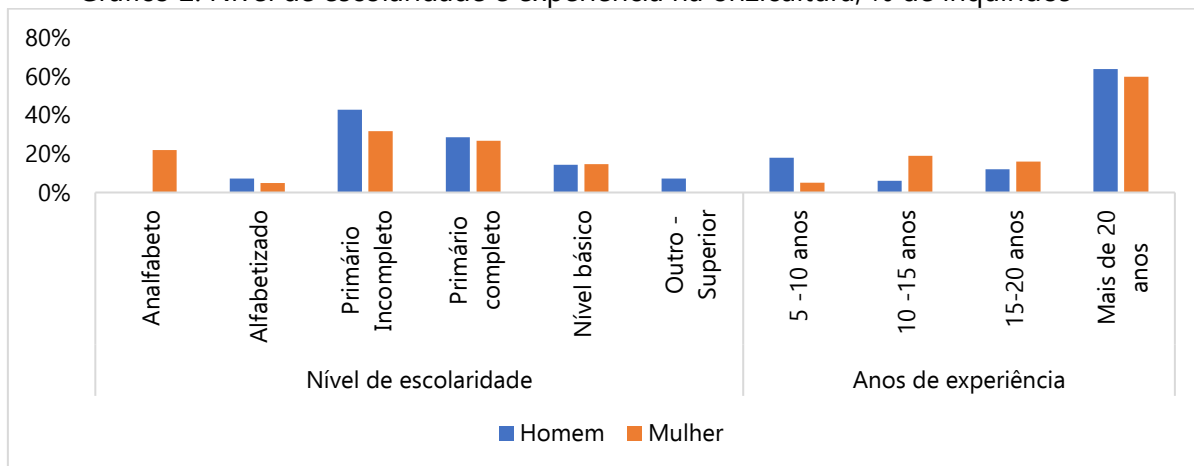


Fonte: Dados do inquérito.

Quanto à literacia escolar, os dados (gráfico a seguir) indicam que os homens tendem a ter um nível de escolaridade superior ao das mulheres, que representam a maioria dos inquiridos. De forma desagregada por nível, 38% dos inquiridos tinha o ensino primário incompleto, 28% havia concluído o ensino primário, e 15% tinha o ensino básico.

O gráfico também indica que a maioria dos inquiridos (62%), entre homens e mulheres, tem mais de 20 anos de experiência na produção de arroz, 14% estão entre 15 e 20 anos, 13% estão no intervalo entre 10 e 15 anos, e 11% têm uma experiência que varia entre 5 e 10 anos. Assim, enquanto existe uma ligeira ascendência dos homens com mais de 20 anos de experiência (64%), observa-se o predomínio das mulheres nas faixas de anos de experiência entre 10 e 15 anos (19%) e entre 15 e 20 anos (16%).

Gráfico 2. Nível de escolaridade e experiência na orizicultura, % de inquiridos



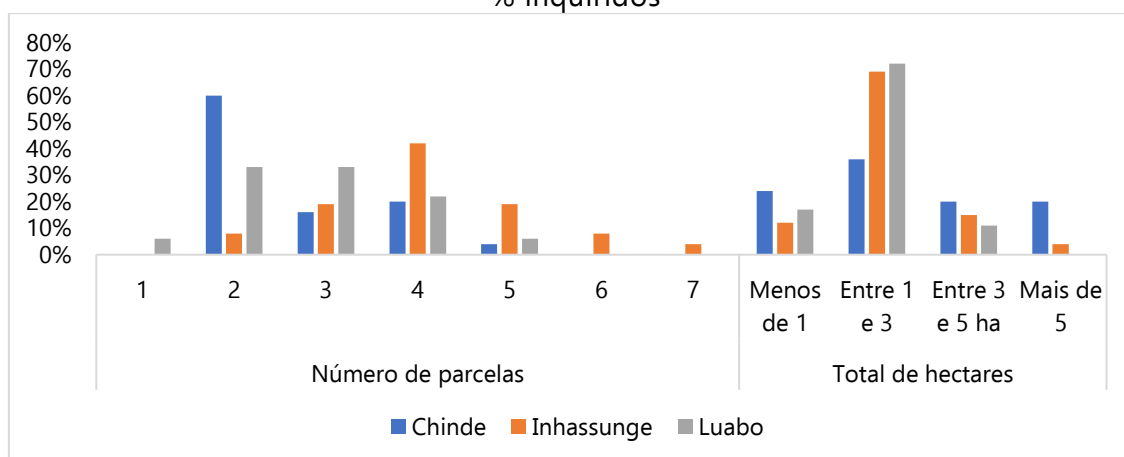
Fonte: dados do inquérito.

«Por razões históricas relacionadas com o Estado colonial, esta actividade sempre esteve ligada à mulher, onde o homem podia ser proprietário da parcela de terra. Contudo, os baixos rendimentos que se vão observando fazem com que haja cada vez mais homens a preterir esta actividade, principalmente em Inhassunge onde têm possibilidade de vir à cidade [Quelimane] trabalhar nos serviços de táxi [de bicicleta]»¹³

Quanto ao número de parcelas detidas por cada produtor, 37% dos inquiridos possui duas parcelas de terra dedicadas a agricultura e, deste universo, 60% estão no distrito de Chinde. No distrito de Inhassunge, 42% dos inquiridos declarou possuir até quatro machambas; no Luabo, mais de 50% dos inquiridos declarou possuir entre duas e três parcelas respectivamente.

Quanto à área de produção, a maioria (59%) dos produtores tem parcelas que variam entre 1 e 3 hectares, 18% têm parcelas de menos de 1 hectare, 15% têm parcelas de entre 3 e 5 ha, e apenas 12% dos produtores declararam possuir mais de 5 hectares de terra.

Gráfico 3. Número de explorações agrícolas que possui e hectares por produtor, % inquiridos



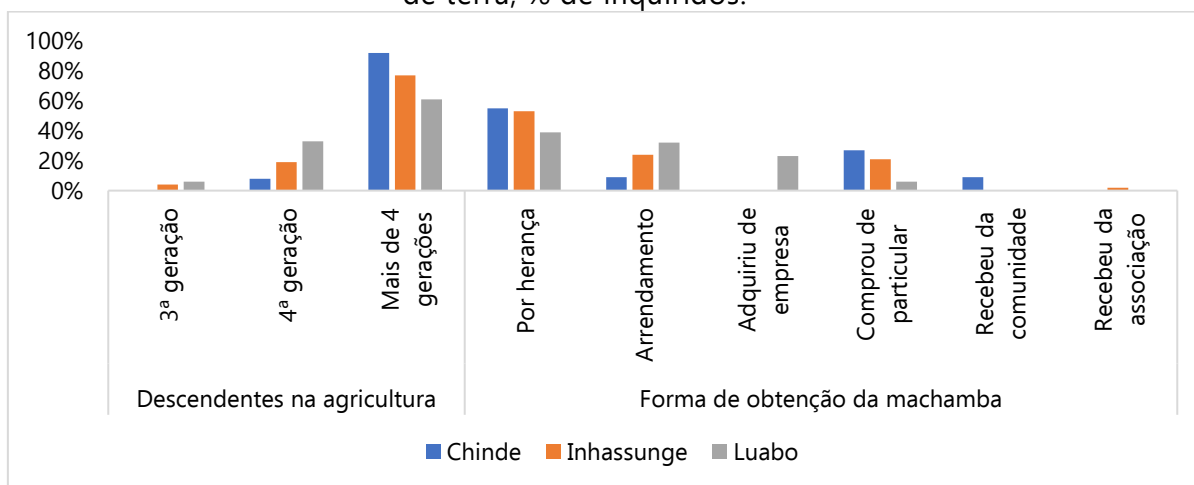
Fonte: dados do inquérito.

Os anos de experiência e as parcelas de terra que o produtor possui não podem deixar de estar relacionados com o factor geracional. Bauman¹⁴ entende que as fronteiras que separam as gerações não estão definidas claramente, são ambíguas, mas não podem ser ignoradas. Nesta pesquisa, pretende-se identificar os produtores como indivíduos que sucederam e/ou deram continuidade aos seus pais e outros parentes na actividade agrícola, particularmente do arroz. Nesse sentido, adoptou-se um período de 25 anos para determinar a geração aqui pretendida.

¹³. Entrevista a um membro da sociedade, Quelimane, aos 20.04.2024.

¹⁴. Bauman, Z. (2007). "Between us, the generations". In Larrosa, J. (ed.). On generations. On coexistence between generations. Barcelona: Fundación Viure I Conviure, pp. 365-376.

Gráfico 4. Descendentes que trabalharam na agricultura e formas de obtenção de terra, % de inquiridos.



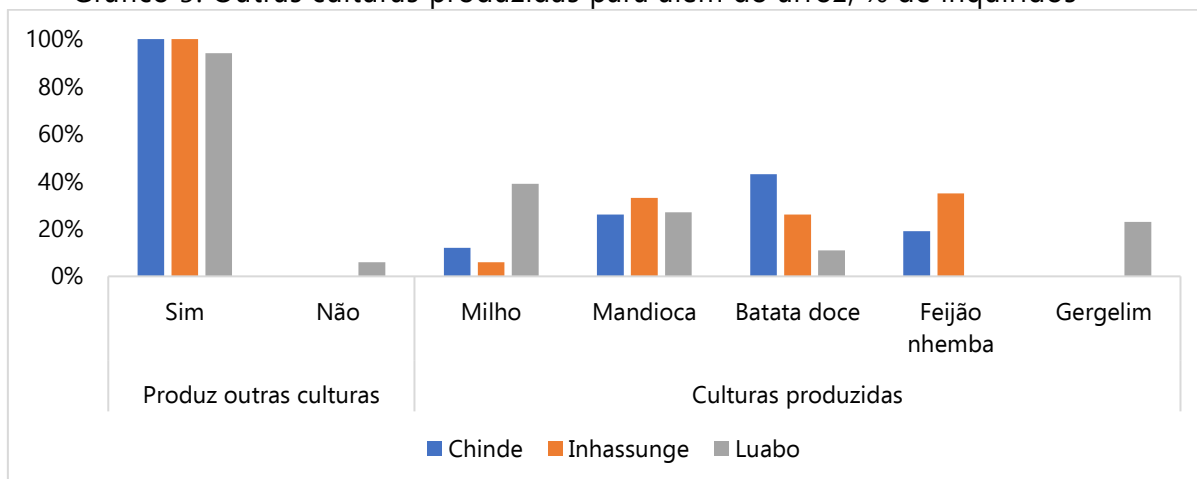
Fonte: dados do inquérito.

Do gráfico 4 depreende-se que a prática da actividade agrícola por parte dos inquiridos descendentes das famílias dedicadas à produção de arroz tende a ocorrer há mais de quatro gerações (média de 77%), com destaque para o distrito de Chinde (92%). Além disso, a forma mais comum de acesso à terra para a produção agrícola é a herança (49%), seguida de arrendamento (22%), compra a um particular (18) e, finalmente, aquisição à uma empresa (8%). Embora haja apenas 8% de inquiridos que adquiriram terras a uma empresa, ressalta-se o distrito de Luabo, cujo este tipo de ocupação está relacionado com as antigas terras da Sena Sugar Estates e da Zambeco, que tinham sistema de regadio.

II. PRODUÇÃO AGRÍCOLA

À excepção do distrito de Luabo, todos os produtores inquiridos produzem outras culturas, além do arroz (gráfico 5). Em termos gerais, foram mais referidas as culturas de mandioca (29%) e a batata-doce (27%), seguindo o milho (19%) e o feijão nhemba (18%) e, por fim, o gergelim (8%). De forma desagregada, o distrito do Chinde destaca-se na produção de batata-doce (43%), Inhassunge na de feijão-nhemba (35%) e, no Luabo, o milho (39%), único distrito em que foi mencionada a cultura do gergelim (23%).

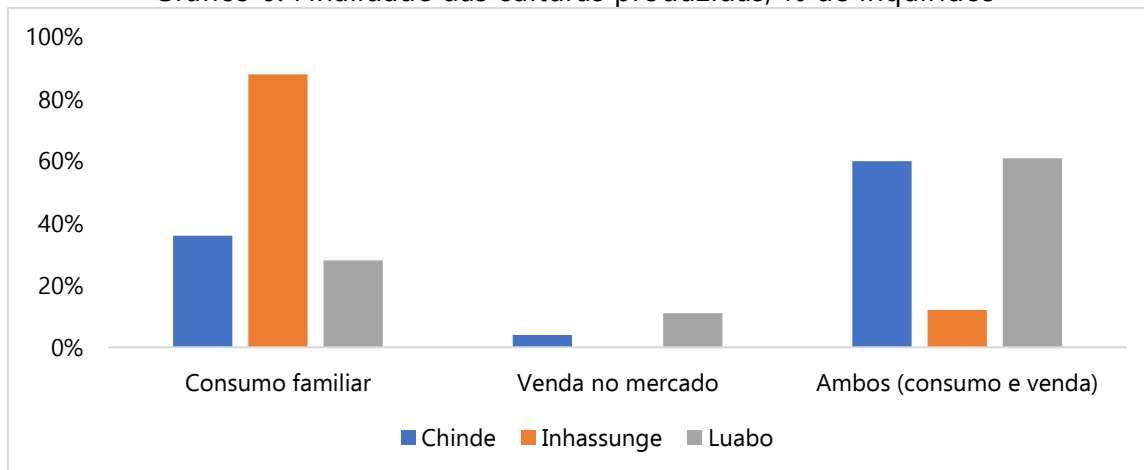
Gráfico 5. Outras culturas produzidas para além do arroz, % de inquiridos



Fonte: dados do inquérito.

No que se refere à principal finalidade destas culturas (gráfico 6), a maioria dos produtores (51%) declarou que toda a produção vai para o consumo familiar, 44% destinam a produção ao consumo e à venda, e 5% reservam toda a produção para venda. Os agricultores nos distritos de Luabo (61%) e Chinde (60%) produzem mais para consumo e venda, enquanto em Inhassunge (88%) alocam a quase totalidade da produção desta cultura ao consumo familiar. O cenário encontrado em Inhassunge, pode ter uma explicação, a situação de estiagem que se observa nos últimos anos deve ter levado os camponeses a dedicar o pouco que produzem ao consumo do agregado familiar¹⁵.]

Gráfico 6. Finalidade das culturas produzidas, % de inquiridos



Fonte: dados do inquérito.

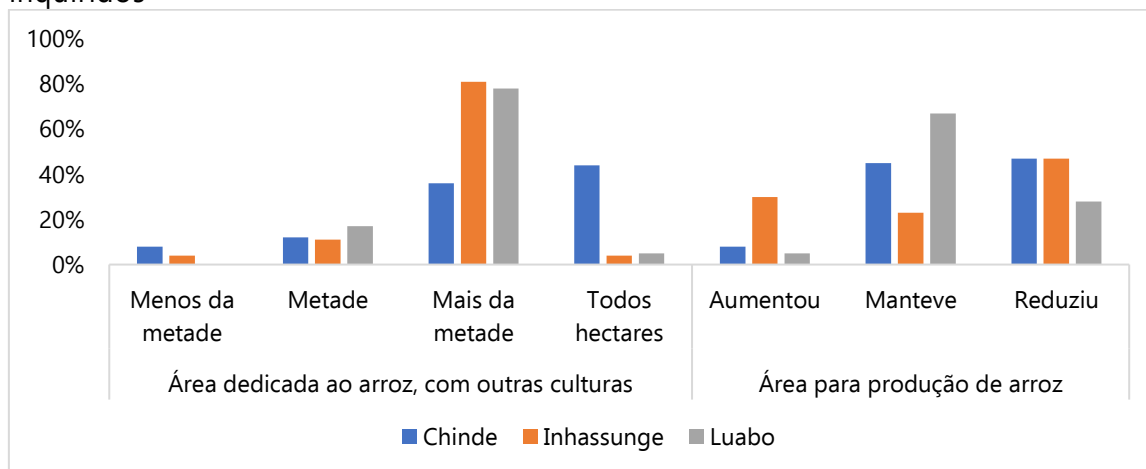
¹⁵. Entrevista a um membro da sociedade, Quelimane, aos 20.04.2024.

A proporção da área total da exploração cultivada com arroz, embora seja superior (65%) à de outros cultivos, apresenta uma tendência decrescente por exploração (gráfico 7). Com efeito, cerca de 45% dos inquiridos afirmou ter mantido a área cultivada com este cereal, enquanto 41% reduziram o tamanho das parcelas cultivadas com arroz e 14% afirmaram ter aumentado a área da sua exploração cultivada com arroz. Por distrito, o Chinde apresenta a maior percentagem de inquiridos (45%) que lavraram todos hectares de terra que possuem, enquanto Inhassunge (81%) e Luabo (78%) trabalharam em pouco mais da metade dos hectares possuídos. No entanto, nos distritos de Chinde (47%) e Inhassunge (47%) os agricultores reduziram as áreas dedicadas somente ao cultivo de arroz, num cenário em que a maioria dos camponeses de Luabo (67%) manteve em uso todos os hectares dedicados a este cereal.

Neste caso entende-se que:

«A situação de estiagem e irregularidade de chuvas pode ser um dos principais factores associados à redução das áreas lavradas pelos camponeses, concretamente no distrito de Inhassunge...No distrito de Chinde, pode existir alguma redução das áreas que estará relacionada com a paralisação do principal regadio [Sombo] que era onde os camponeses realizavam a sua principal produção de arroz»¹⁶

Gráfico 7. Variação da área cultivada com arroz e com outros cultivos, % de inquiridos

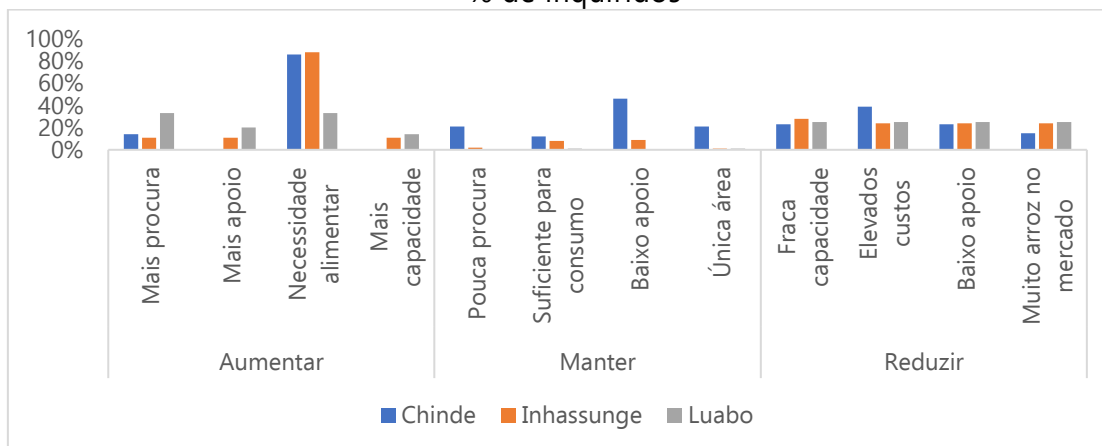


Fonte: dados do inquérito.

Para o aumento da área total cultivada com o arroz foram elencados os seguintes factores: maior necessidade alimentar da família (69%), mais procura no mercado (19%), ter apoios (10%) e capacidade de produção (9%). Quanto a manter o tamanho da área foram indicados factores como: baixo apoio (18%), pouca procura no mercado (8%), ser a única área que o produtor possui (8%) e produzir o suficiente para o consumo (7%). Relativamente à redução da área lavrada, são factores contribuintes: elevados custos de produção (29%), fraca capacidade do produtor (25%), baixo apoio ao pequeno produtor (24%) e existência de muito arroz no mercado (21%).

¹⁶. Entrevista a um membro da sociedade, Quelimane, aos 30.04.2024.

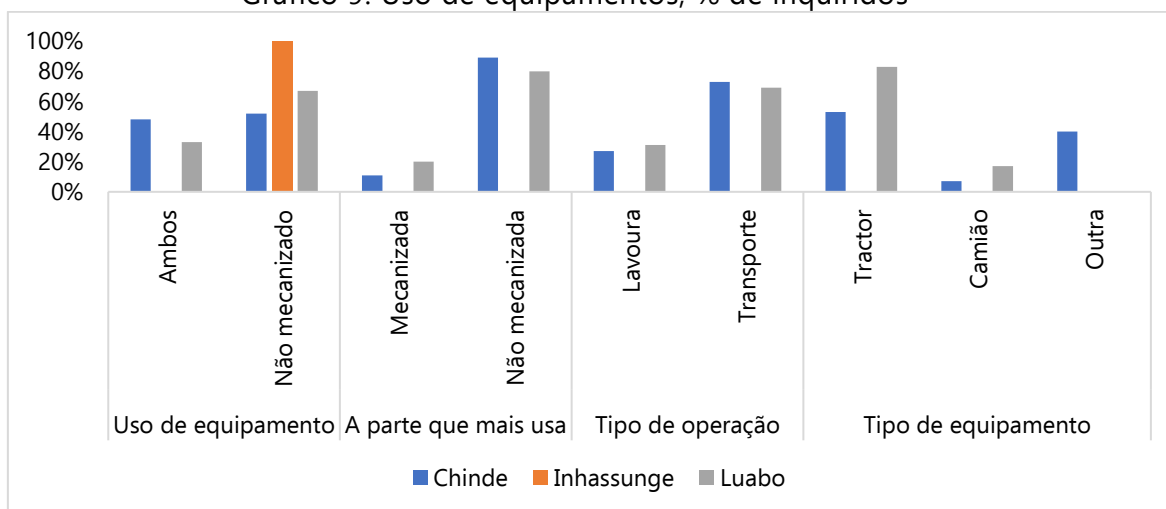
Gráfico 8. Factores determinantes na variação da área para cultivo de arroz, % de inquiridos



Fonte: dados do inquérito.

O trabalho agrícola (gráfico 9) é maioritariamente não mecanizado (73% dos inquiridos), sendo que pequena parte (27%) dos produtores recorre à mecanização para complementar a parte não mecanizada. Com efeito, dos que referiram que a sua actividade inclui parte mecanizada, 84% dos inquiridos salientaram que praticam com mais frequência de actividades não-mecanizadas. A operação mais frequentemente mecanizada é o transporte, de pessoas e da produção, principalmente para os produtores do Chinde que realizam as suas actividades agrícolas nas ilhas e, como tal, recorrem a embarcações. Do gráfico pode-se entender que a lavoura mecanizada foi a operação mais referenciada no distrito de Luabo.

Gráfico 9. Uso de equipamentos, % de inquiridos

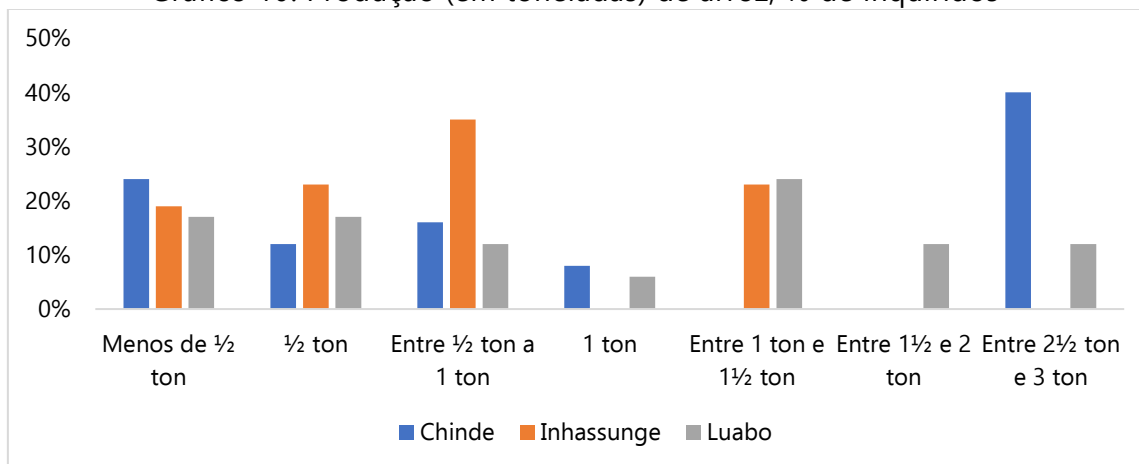


Fonte: dados do inquérito.

Relativamente à produção de arroz, os dados (gráfico 10) indicam que 22% dos inquiridos produziu entre meia e uma tonelada por campanha, 20% produziu menos de 500 kg, 18% produziram meia tonelada, 18% entre 2,5 e 3 toneladas, e 15% entre 1

tonelada e 1,5 toneladas. O distrito de Chinde destaca-se por apresentar inquiridos (40%) com uma produção entre 2.5 e 3 toneladas; enquanto Inhassunge tem mais produtores (35%) que declararam ter produzido entre meia e uma tonelada de arroz, 23% dos inquiridos indicaram ter produzido meia tonelada, e 23% entre 1 e 1,5 toneladas.

Gráfico 10. Produção (em toneladas) de arroz, % de inquiridos



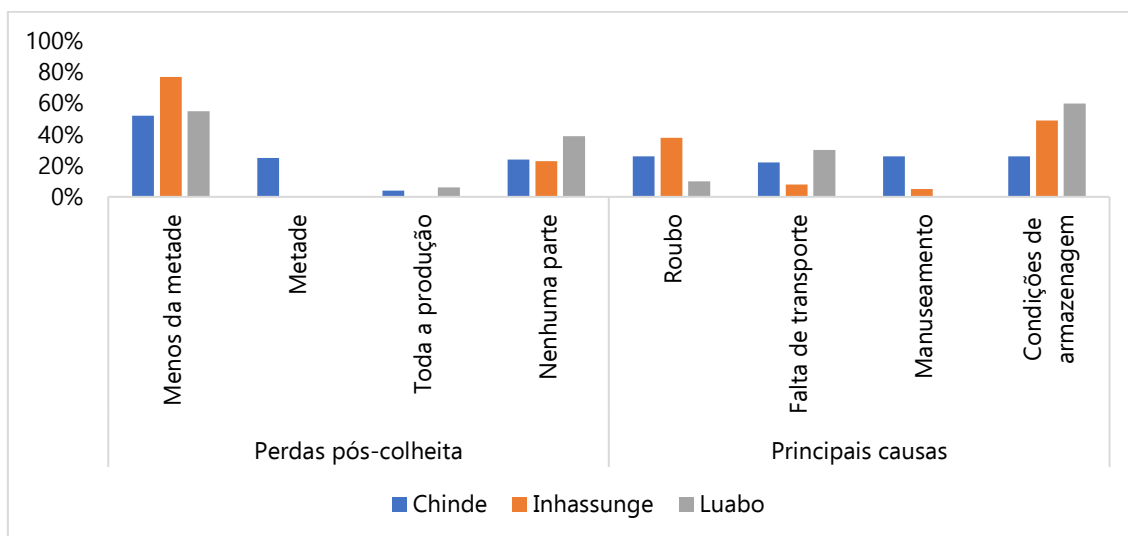
Fonte: dados do inquérito.

Mas uma análise mais aprofundada poderá mostrar que a tendência geral da produção nesta região do delta tem tido decrescente e cada vez mais sem perspectivas de melhorar¹⁷.

Relativamente a perdas pós-colheita, os dados de campo indicam (gráfico 11) que cerca de 61% dos produtores perderam menos da metade do seu arroz e 29% não perderam alguma quantidade. No que refere às principais causas, foram indicadas as condições de armazenagem (45% dos inquiridos), falta de transporte (30%), roubo (25%) e dificuldades de manuseamento (10%). De forma desagregada, o distrito de Inhassunge destaca-se por ter mais situações de perda de arroz em menos da metade (77%), onde sobressaem, como principais causas, as condições de armazenamento (49% dos inquiridos) e o roubo (38%).

¹⁷. Entrevista a um membro da sociedade, Quelimane, aos 02.05.2024.

Gráfico 11. Perdas pós-colheita e principais causas, % de inquiridos



Fonte: dados do inquérito.

III. SERVIÇOS DE EXTENSÃO AGRÁRIA

A extensão agrária refere-se ao conjunto de informações, aconselhamento, formação e transmissão de conhecimentos relacionados com a produção agrária, processamento e comercialização transmitidos por agentes públicos e não-públicos e que permite aumentar a habilidade dos produtores de melhorar a sua produtividade e rendimentos¹⁸. Na região do delta, a extensão agrária na cultura do arroz tem sido assegurada por iniciativas da cooperação internacional, nomeadamente de países asiáticos¹⁹, de apoio a instituições públicas.

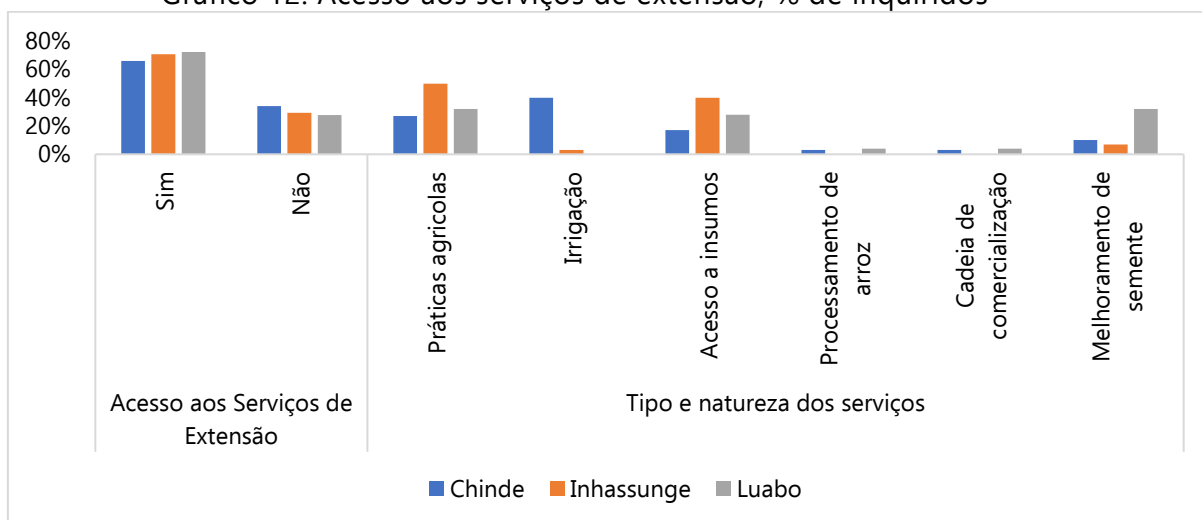
Mesmo não conhecendo a origem da assistência, cerca de 70% dos inquiridos haviam recebido, pelo menos, um serviço de extensão agrária, contra 30% que não tinha recebido. Conforme o gráfico 12, os que receberam os serviços indicaram os temas de práticas agrícolas (36%), concretamente a gestão de fertilidade dos solos e técnicas de sementeira²⁰, o acesso a insumos (28%) e melhoramento da semente (16%). A irrigação foi referida no distrito de Chinde, onde menos da metade (40%) dos inquiridos locais indicaram ter tido acesso a este serviço. Destes inquiridos, apenas 30% continuam a beneficiar de aconselhamento no sistema de regadio do Jorge; enquanto a maioria (70%) deixou de beneficiar após a paralisação do regadio de Sombo.

¹⁸ Uaiene, R. (2015). "Caracterização do sector familiar em Moçambique". Em Mosca, J. (coord.). Sector familiar agrário e desenvolvimento em Moçambique. Maputo: Escolar editora, pp. 23-49.

¹⁹ Entrevista a um membro da Sociedade, Quelimane, aos 30.04.2024.

²⁰ Entrevista a um membro da Sociedade, Chinde, aos 23.04.2024.

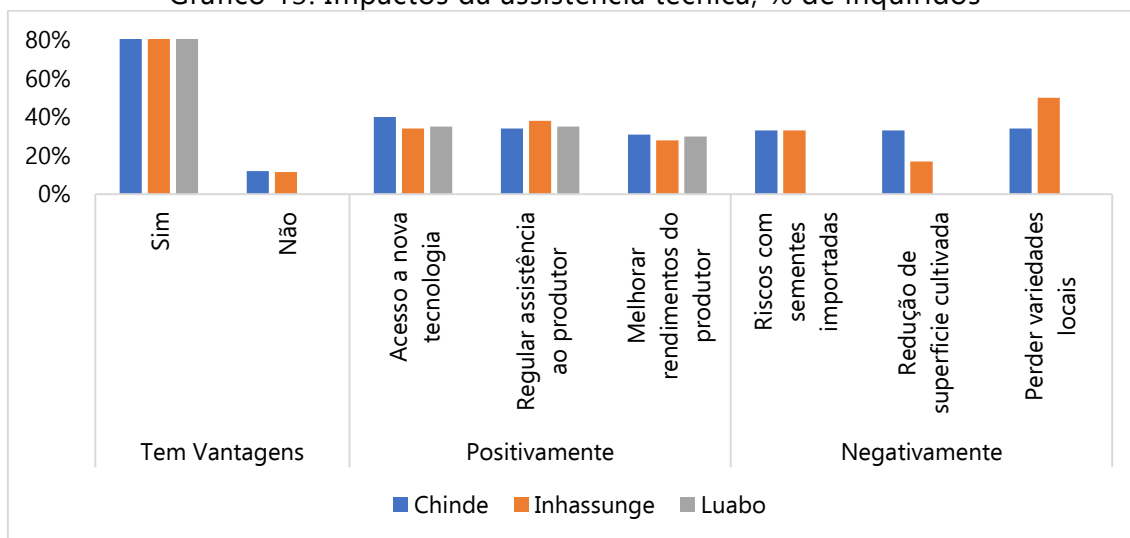
Gráfico 12. Acesso aos serviços de extensão, % de inquiridos



Fonte: dados do inquérito.

Uma questão levantada nesta pesquisa foi o impacto da assistência técnica na produção local (gráfico 13). Os pequenos produtores referiram que, quando bem executada, a assistência tem impactos positivos porque permite aceder a novas tecnologias, aconselhamento regular e melhorar os rendimentos do produtor.

Gráfico 13. Impactos da assistência técnica, % de inquiridos



Fonte: dados do inquérito.

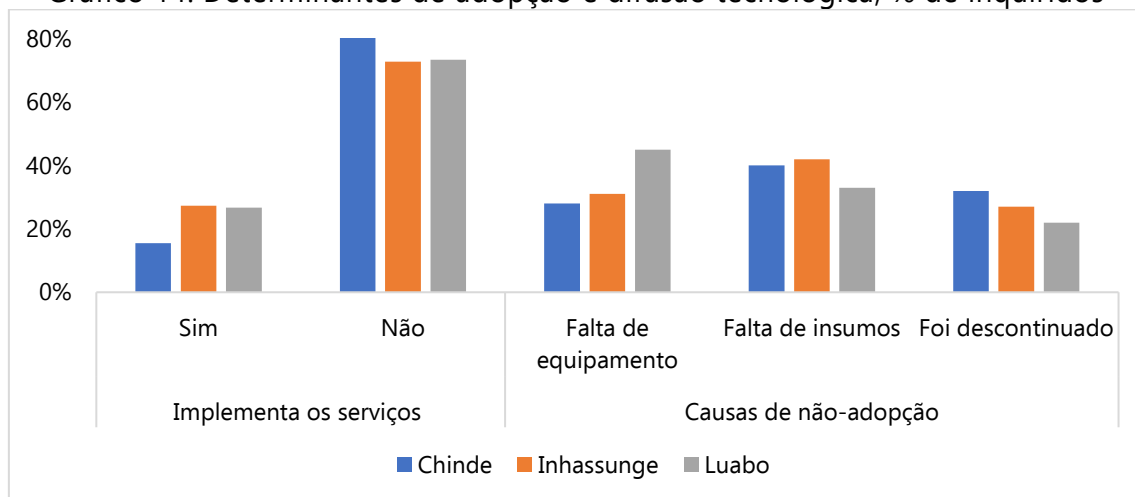
A produção local é ameaçada pelas variedades de sementes importadas, perda das variedades locais de arroz, perda de qualidade dos solos, e consequente redução da área cultivada, por causa de uso de fertilizantes, fungicidas e herbicidas usados visando melhorar a produtividade e produção do arroz.

No distrito de Nicoadala existe actualmente um Centro de Liderança e Pesquisa de Arroz com o objectivo de libertar variedades de sementes com um desejável potencial germinativo capaz de melhorar os rendimentos dos produtores. No entanto, existem três problemas essenciais: primeiro, as demonstrações são realizadas em zonas de perímetros irrigados, podendo significar um comportamento diferente destas sementes nas zonas de sequeiro; segundo, a fraca aderência dos produtores quando se menciona a necessidade de comprar estas sementes, sendo o seu custo um dos problemas que os produtores enfrentam²¹; e, terceiro, a insuficiência de recursos que limita o funcionamento daquela instituição, considerando o ritmo das doações e financiamentos dos parceiros²².

«No tempo colonial podíamos fazer um fiado [empréstimo], nas lojas dos colonos, seja em semente de arroz, seja em dinheiro ou em bens de consumo, porque sabíamos que teríamos boa produção e pagar ao dono da loja, em dinheiro ou mesmo em arroz...isso não acontece actualmente»²³.

As questões referidas anteriormente podem ter relações com uma outra, os determinantes da adopção e difusão tecnológica. Dos indivíduos que tiveram acesso aos serviços, 23% implementam as recomendações, e 77% afirmaram não adoptar o que foi aprendido e/ou beneficiado. Relativamente às causas de não-adopção foram elencadas (gráfico 14): a falta de insumos, a falta de equipamentos e a descontinuidade dos programas que suportavam as iniciativas.

Gráfico 14. Determinantes de adopção e difusão tecnológica, % de inquiridos



Fonte: dados do inquérito.

Em geral, o distrito de Chinde apresenta a maior percentagem (84%) de produtores que não adoptam o que foi aprendido e/ou beneficiado. Por causas de não-adopção, o distrito de Luabo apresenta mais casos (45%), enquanto Inhassunge (42%) e Chinde (40%) referiram-se mais a falta de insumos agrícolas. Segundo as entrevistas, aos

²¹. Entrevista a um membro da sociedade, Quelimane, aos 02.05.2024.

²². Entrevista a um membro da sociedade, Quelimane, aos 30.04.2024.

²³. Entrevista a um produtores, povoado de Marandanha, Inhassunge, aos 18.04.2024.

determinantes acima mencionados deve-se acrescentar o tamanho da área geralmente lavrada, o baixo capital humano do pequeno produtor, a disponibilidade de financiamento²⁴, o sistema de produção basicamente de sequeiro e não-mecanizado que caracterizam a agricultura nesta região²⁵.

Como indicado no gráfico 2, os produtores da região do delta do Zambeze têm muitos anos de experiência na produção orizícola, mas os baixos níveis de literacia escolar podem ter um forte impacto negativo na adopção e intensificação local dessas tecnologias e/ou serviços²⁶. Por outro lado, e associado à escolaridade, está a língua e linguagem utilizadas pelos promotores, para quem, muitas vezes, a prioridade é o cumprimento do calendário de actividades e, não necessariamente, o aperfeiçoamento do pequeno produtor²⁷.

Todos os determinantes devem ser observados como funcionando de forma interrelacionada. Por exemplo, as características do sistema de produção, o tamanho das áreas cultivadas, bem como a localização das unidades produtivas dos camponeses, na sua maioria em zonas com difícil acesso, sem infra-estruturas de apoio e mercados, em muitos casos levam este produtor a não assumir riscos financeiros, seja na modalidade de crédito, seja no investimento com capital pessoal [que quase não existe para maioria dos produtores], para aquisição e adopção de tecnologias e sementes melhoradas²⁸.

O baixo nível da assistência técnica local, muitas vezes condicionada pelos incipientes recursos disponíveis nas instituições públicas locais após saída das agências de cooperação, levam à descontinuidade e fracasso das sucessivas tentativas de promover a modernização da produção familiar do arroz através de tecnologias e insumos melhorados²⁹.

²⁴. Entrevista a um membro da sociedade, Quelimane, aos 20.04.2024.

²⁵. Entrevista a um membro da sociedade, Quelimane, aos 30.04.2024.

²⁶. Entrevista a um membro da sociedade, Quelimane, aos 02.05.2024.

²⁷. Entrevista a um membro da sociedade, Chinde aos 23.04.2024. Segundo este entrevistado, a questão da língua e linguagem tem impacto no sentido de que as tecnologias e insumos são trazidas de países com língua oficial diferente da falada em Moçambique e, geralmente, é preciso traduzir para, pelo menos, duas línguas [português e uma língua local], desde a recepção das tecnologias nas instituições implementadoras até à sua introdução junto do produtor.

²⁸. Entrevistas a um membro da sociedade, Chinde aos 23.04.2024, e a outro, Quelimane, aos 30.04.2024.

²⁹. Entrevista a um membro da sociedade, Quelimane, aos 02.05.2024.

BREVES NOTAS FINAIS

- Não obstante produzirem outras culturas, o arroz continua a ser a principal cultura para os produtores do delta do Zambeze, onde o sistema de produção continua a ser, predominantemente, de sequeiro e não-mecanizado.
- Não ocorreram mudanças de paradigma no modelo de assistência técnica, ou seja, pela insuficiência de recursos próprios e dependência de apoios, os serviços de extensão agrários continuaram limitados.
- Na mesma linha está o programa de melhoramento de sementes, em que as variedades libertadas tendem a ser mais para sistema de produção de irrigação, numa região onde o sistema predominante do pequeno produtor é o sequeiro.
- O custo das sementes melhoradas faz com que elas sejam preteridas pelos produtores, que não querendo assumir riscos financeiros, optam pelas variedades tradicionais, comumente usadas na região.
- Não há evidências de se terem criado condições, como factores determinantes, para o camponês do delta do Zambeze realizar, de forma eficiente e eficaz, a sua actividade agrícola, ocorrendo, ao contrário, um decrescimento da produtividade.
- O desempenho do camponês do delta continua fraco devido a factores abióticos, particularmente a seca e chuvas irregulares; e a factores institucionais, nomeadamente, a baixa escolaridade, o quase não-uso de insumos melhorados de produção, como sementes e a irrigação, o baixo apoio institucional e a inexistência de infra-estruturas.